# Áreas malditas: a estigmatização de espaços urbanos

### Damn areas: the stigmation of urban spaces

Ciro de Sousa Vale

Graduado em Geografia pela UFJF e mestre em Ciência Ambiental pela UFF. Doutorando em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela UFRJ.

vale.huk@bol.com.br

Tania Maria Freitas de Barros Maciel
Pós-doutora pelo L Institut d Etudes Politiques de Paris Sciences Po. Professora Associada da
Universidade da UFRJ.
taniabm@gmail.com.br

Artigo recebido para revisão em 09/08/2015 e aceito para publicação em 25/09/2015

#### Resumo

Existem áreas urbanas que se apresentam no imaginário coletivo como zonas de significado obscuro e inquietador, sendo, portanto, espaços desvalorizados socialmente, tais como asilos, cemitérios, necrotérios, hospitais, presídios, lixões, albergues e zonas de prostituição, e que são vistas como "áreas malditas", apesar de serem ligadas a realidades inalienáveis da vida social como a morte, a loucura, a velhice, a criminalidade, o lixo e o erotismo. Neste artigo, interessou-nos investigar, especificamente, o espaço dos cemitérios e das zonas de prostituição. Segundo nossa hipótese, a "maldição" que tais áreas carregam se ligaria ao fato de que elas são associadas à morte, seja ela física ou simbólica. Para isso, recorremos a um referencial teórico que contempla as características de tais espaços.

Palavras-chave: áreas malditas, estigmatização, espaço.

### **Abstract**

There are urban areas that present in the collective imagination as dark and disquieting meaning zones, and is therefore socially devalued spaces, such as nursing homes, cemeteries, morgues, hospitals, prisons, garbage dumps, hostels and prostitution zones and which are seen as "cursed areas", despite being linked to inalienable realities of social life and death, madness, old age, crime, garbage and eroticism. In this article, we were interested in investigating specifically the space of cemeteries and prostitution zones. According to our hypothesis, the "curse" that carry such areas would bind to the fact that they are associated with death, whether physical or symbolic. For this, we used a theoretical framework that includes the characteristics of such spaces.

**Keywords**: damned areas, stigmatization, space.

## 1. INTRODUÇÃO

Uma das características mais marcantes observadas na cidade moderna é a multiplicidade de elementos que nela podem ser encontrados, tais como a grande variedade de paisagens, os diversos usos do solo urbano e a ampla diversidade dos modos de vida de seus habitantes.

A esse aspecto da multiplicidade é possível também associar o viés da desigualdade: a apropriação dos diversos elementos e equipamentos urbanos se dá de forma distinta, gerando, com isso, um embate entre as classes sociais que habitam esse espaço.

Os conflitos são comuns no espaço urbano, o que permite que o geógrafo faça uma leitura de um "campo de lutas" cada vez mais fragmentado e desarticulado, já que a cidade se revela como um mosaico complexo, composto de áreas construídas e destruídas socialmente, a partir dos embates realizados pelos agentes sociais. Veja-se, por exemplo, a modernização das cidades brasileiras ocorrida no século XX. Orientado, de forma sutil ou não, por poderes constituídos, o processo de modernização levou ex-escravos e despossuídos a ocuparem zonas periféricas, áreas com grandes declividades ou mesmo várzeas sujeitas a inundações. As áreas mais bem estruturadas se tornaram valorizadas e observou-se então uma apropriação dos locais mais nobres pela atividade empresarial imobiliária e uma perfeita articulação desta atividade com o poder público. (MARICATO, 1997)

Com efeito, a produção do espaço urbano gera segregações, o que nos remete a uma ideia de marginalidade espacial, se pensarmos que a cidade apresenta várias áreas periféricas, estigmatizadas e rejeitadas pela sociedade em geral, por serem associadas a comportamentos sociais desviantes.

No entanto, se a questão de luta por poder explica a presença, na cidade, de áreas marginalizadas, cumpre observar ainda que o espaço urbano abriga outras zonas, também rejeitadas, não como decorrência de embates de classes sociais e sim devido ao fato de serem vistas como zonas sombrias, carregadas de estigmas, de valor simbólico obscuro, negativo e inquietante.

De fato, no universo urbano, vários espaços provocam sentimentos de constrangimento, repúdio e mal-estar aos habitantes da cidade, ainda que, contraditoriamente, tais espaços estejam profundamente ligados a aspectos inalienáveis da vida social. Como exemplo dessas áreas de significado "nebuloso", podemos citar as zonas de prostituição, boates de *strip-tease*, casas de massagem, hospitais "terminais"<sup>1</sup>, asilos, necrotérios, cemitérios, presídios, manicômios, albergues e depósitos de lixo.

Interessante perceber que esses locais, apesar de serem estigmatizados, não se localizam necessariamente em zonas periféricas. Um exemplo é o fato de o empobrecimento e a deterioração de algumas áreas centrais, principalmente das médias e grandes cidades, poderem levar a uma reocupação de tais áreas por estabelecimentos considerados marginais. São áreas que muitas vezes passam a abrigar zonas de prostituição, hotéis de segunda classe com alta rotatividade que geralmente servem como ponto para programas sexuais, além de casas noturnas com apelo sexual, de consumidores de drogas e de mendigos.

Tais zonas, além de criarem sentimentos de desconforto aos habitantes da cidade, podem gerar também a desvalorização socioeconômica de seu entorno, sendo que o aparecimento, nas redondezas, de estabelecimentos ou de agentes sociais associados a essas áreas "sombrias" tende a consolidar o estigma sobre elas, como no caso de empresas funerárias que se localizam próximo a

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Hospitais nos quais se destinam alas para doentes terminais.

determinados hospitais, de floriculturas localizadas perto de cemitérios, assim como de traficantes de drogas que rondam casas noturnas de *strip-tease* e hotéis destinados a programas sexuais.

No texto "Lixo: morte e ressurreição", de 1992, Emílio Maciel Eigenheer utiliza a designação "áreas malditas" em relação aos espaços sombrios a que nos referimos acima. Partindo desse termo, este texto propõe um estudo sobre tais tipos de espaços, buscando verificar a hipótese de que realmente existem áreas urbanas que, apesar das diferenças que apresentam, são percebidas pelos habitantes das cidades como portadoras de um significado inquietante, sombrio, ameaçador. A pergunta principal, portanto, para a qual pretendemos achar resposta pode ser formulada nos seguintes termos: o que faz determinados espaços urbanos serem considerados malditos pelos habitantes das cidades?

Para respondermos a esse questionamento, primeiramente dedicar-nos-emos a pesquisar sobre as áreas em questão, investigando suas características e os tabus a elas associados. Segundo nossa hipótese, a "maldição" que tais áreas carregam se ligaria ao fato de que elas são associadas à morte, seja ela física ou simbólica.

Em seguida, estudaremos especificamente o universo dos espaços cemiteriais e das zonas de prostituição.

A partir do tratamento que a nossa sociedade dá às áreas que considera "malditas" e da necessidade de uma maior reflexão sobre a deterioração desses espaços, torna-se importante um estudo que discuta e proponha novas interpretações e funções para essas áreas.

Este artigo se torna relevante, a partir do momento em que aborda assuntos tidos como tabus para nossa sociedade. Entendemos que o enfrentamento desse tipo de problema não pode ser feito apenas pela via técnica, como ocorreu em algumas experiências realizadas em cidades brasileiras, as quais buscaram a revitalização de áreas centrais desvalorizadas socialmente sem que se refletisse mais profundamente sobre o sentido dessa desvalorização. Por isso, nossa proposta visa acrescentar uma interpretação cultural ao estudo dessas áreas estigmatizadas.

Certamente, a contribuição da Geografia Cultural, uma ramificação da ciência geográfica que tem recebido grande destaque atualmente, é de suma importância à investigação de temas como "paisagem cultural", "importância cultural de áreas depreciadas", assim como a "história da construção de espaços desvalorizados".

### 2. OS LUGARES MALDITOS DAS CIDADES

Existem inúmeras e profundas discussões sobre a questão do espaço. Nas observações feitas pelo geógrafo Milton Santos, por exemplo, o espaço deve ser pensado em sua totalidade: apesar de poder ser analisado em partes, deve ser depois reconstituído e compreendido como um todo

integrado, como um sistema. O espaço, segundo essa análise, seria constituído de elementos, dentre os quais se destacaria o homem. (SANTOS, 1985)

O elemento humano, na obra *Espaço e indústria*, é também destacado na percepção espacial, como mostra a afirmação de que "o espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque o constrói e o reproduz, tornando o objeto sobre o qual recai o trabalho em algo que lhe é próprio" (CARLOS, 1994, p. 15). Pode-se entender, então, que o espaço é na verdade um produto histórico da sociedade, ao acumular características determinadas por ela: o espaço seria o resultado do trabalho social e não representaria apenas um homem, mas sim o pensamento e as características do grupo que o criou. (CARLOS, 1994, p. 55)

Como afirma Corrêa (2007, p. 55-6),

em uma sociedade de classes, a organização espacial refletirá tanto a natureza classista da produção e do consumo de bens materiais, como o controle exercido sobre as relações entre as classes sociais que emergiram das relações sociais ligadas à produção.

E se a questão do poder que deve ser entrevista na organização espacial urbana pode ser associada à divisão de classes sociais, também se vislumbra como subjacente à organização interna de muitos espaços urbanos, como defende Foucault. A fábrica, por exemplo, seria lugar em que a organização do espaço refletiria uma estrutura particular de controle. Já os espaços dos segmentos tidos como anômalos à normatização dominante tais como o espaço dos loucos, o dos doentes e o dos marginais, de acordo ainda com o filósofo francês, seriam locais especializados na reprodução do poder, nos quais o trabalho produtivo seria substituído pelo trabalho disciplinar. (HAESBAERT, 2002, p. 83-4)

Com efeito, o espaço urbano pode ser objeto de ricos estudos, em virtude da sua enorme complexidade e dos conflitos que nele se apresentam. Como apontado por Corrêa, o interesse dos geógrafos pelo espaço urbano se dá pelo fato de este ser "fragmentado, articulado, reflexo e condição social, bem como campo simbólico e arena de lutas". (CORRÊA apud RIBEIRO, 2002, p. 102).

Nesse sentido, uma abordagem muito reveladora sobre o espaço urbano poderia se dar com o que Milton Santos denomina de "fixos" e "fluxos". (SANTOS apud RIBEIRO, 2002, p. 103) A organização do espaço da cidade, como destacado pelo geógrafo, apresenta-se através de elementos construídos a partir do trabalho social. Os fixos poderiam ser representados pelos espaços públicos, por exemplo. Já os fluxos poderiam ser representados pelos veículos e pelas pessoas em geral, que garantiriam as interações entre os fixos. A partir daí, estaria estabelecida uma articulação entre as partes. Porém, essa articulação não se caracterizaria sem problemas, uma vez que a divisão do trabalho se dá de forma desigual, fazendo com que os lugares não se articulem entre si com a mesma intensidade, como pode ser percebido, por exemplo, na utilização do solo urbano, que é

apropriado por poucos grupos, gerando a fragmentação visível deste espaço e o consequente aumento dos excluídos sociais.

No entanto, se as cidades comportam lutas de classes que acabam por produzir espaços marginalizados, é possível perceber que apresentam outros tipos de áreas estigmatizadas, cuja relação com os habitantes urbanos se estabelece, não necessariamente a partir de relações de poder, mas sim a partir de costumes e crenças, inclusive religiosas. É devido ao imaginário humano que determinadas áreas da cidade aparecem revestidas de uma simbologia negativa, ainda que sua existência seja importante para a vida social.

Nesse sentido, torna-se interessante enfocar a visão da cidade como espaço no qual é possível enxergar elementos culturais e interpretações da paisagem urbana.

Já tangenciava tal compreensão sobre o espaço o geógrafo Paul Claval, ao constatar a existência de uma percepção diferenciada dos lugares a partir do "filtro" da diversidade cultural:

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade? (CLAVAL, 2001, p.40)

Na verdade, o espaço é "lido" de forma diferente pelos indivíduos, que a ele atribuem significações a partir tanto de diferenças sociais e de poder quanto de crenças, de valores, de memórias e de sentimentos. (CORRÊA, 2003)

Analisemos, sobre esse enfoque, os lugares "malditos" das cidades. Os centros urbanos possuem áreas que são percebidas com repulsa, medo, inquietação ou até desprezo - são áreas que, devido a percepções culturais, se deseja relegar ao esquecimento e que se tornam visíveis em determinadas situações a contragosto do que deseja grande parte da população urbana.

É possível perceber, por exemplo, que os hospitais terminais, os asilos, os necrotérios e os cemitérios são estigmatizados por muitas das pessoas por se relacionarem diretamente à percepção da degenerescência ou da morte do corpo físico, que tanto incomodam a sociedade moderna.

Os depósitos de lixo, por sua vez, remetem indiretamente à idéia da morte e, por isso, agrada aos habitantes da cidade que eles se localizem afastados dos centros urbanos. Interessante notar, também, em relação ao espaço do lixo, que o repúdio aos vazadouros ou mesmo aos aterros de lixo faz com que a relação homem-lixo se torne problemática, a ponto de que aqueles que tenham um convívio direto com os resíduos sejam rejeitados socialmente. No entanto, essa estigmatização não se resume só a figura do catador ou do gari, peças importantes que compõem o universo dos resíduos. Ela também se aplica a outras profissões, que se relacionam à degenerescência de corpos

humanos e de animais, como a profissão de coveiro, de médico-legista, de açougueiro, dentre outros. (EIGENHEER, 2003)

A situação se torna mais conflituosa, a partir da expansão dos centros urbanos, pois nenhuma comunidade quer os depósitos de lixo por perto. Entretanto, a sua presença se torna imprescindível, se considerarmos o descarte cada vez maior de mercadorias realizado pelas sociedades de consumo.

Além do aspecto da morte, outro aspecto pode ser enfocado para se abordar a questão da estigmatização de certos lugares da cidade: o controle do caos.

Na obra *Modernidade e ambivalência*, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman associa ao espírito da modernidade uma tentativa no sentido de controle da diferença. Segundo Bauman, a era moderna foi concebida a partir de uma consciência do binômio ordem/desordem e da perspectiva de extermínio da ambiguidade, da irracionalidade e da imprevisibilidade. Nesse contexto, elementos que se desviariam da norma, tais como os indivíduos rebeldes, os "ociosos", os anti-sociais, as prostitutas, os homossexuais e os inválidos seriam considerados indesejáveis por remeterem ao universo da indeterminação, da falta de controle. (BAUMAN, 1999)

Assim sendo, nada menos surpreendente do que as áreas malditas das cidades também poderem ser encontradas em locais considerados improdutivos socialmente, tais como os manicômios, os albergues para mendigos e os presídios, lugares que remetem ao imaginário do caos, da desordem, do ócio e da insensatez. A maldição desses espaços se associa a uma "morte social" desses indivíduos, que não se adequam a uma sociedade organizada e cheia de regras. É a falta de perspectiva do presidiário, o qual sente o tempo mais lento, é o mundo paralelo dos doentes mentais que produzem a sua própria visão de espaço e é também a resistência dos mendigos em se submeterem à disciplina e às formas de pensar do sistema que os fazem também "malditos" para a modernidade.

# 3. AS ÁREAS CEMITERIAIS E AS ZONAS DE PROSTITUIÇÃO

Façamos agora uma análise sobre as áreas destinadas às prostitutas e aos mortos. Comecemos pelas áreas cemiteriais. Apesar de ocuparem um espaço concreto nas cidades, são tratadas como áreas invisíveis dos centros urbanos. Apesar de sua existência física, na verdade, é como se não existissem para os indivíduos, sendo lembradas e visitadas apenas quase que exclusivamente por ocasião da morte de um membro familiar ou então a morte de alguém próximo. Essas áreas possuem um fluxo variável de visitantes e ocupam um destaque maior no dia de finados, determinado pela tradição cristã. Como destaca Rezende, "oficialmente o dia dos mortos

com visitas a cemitérios tem início no século XIX, sendo muito comemorado no Ocidente católico". (REZENDE, 2007, p. 16)

É importante se afirmar a ligação da tradição cristã com as áreas cemiteriais e isto está implícito principalmente na apropriação do termo "cemitério" pelo catolicismo:

a palavra cemitério tem origem do grego Koumetèrion, que se referia ao local onde se dormia. Essa apropriação do termo ocorreu pela Igreja Católica (descanse em paz) onde o descanso do senhor morto foi feito na "mansão dos mortos", até a ressurreição ao terceiro dia, usando a palavra do latim coemiterium. (REZENDE, 2007, p. 12)

No Brasil, era, inclusive, muito comum, nos séculos XVII e XVIII, que os habitantes das cidades fossem enterrados nas igrejas, embora tal prática fosse atrelada à questão da distinção social, uma vez que, como retrata Rezende, na obra *O céu aberto na terra*: uma leitura dos cemitérios na geografia urbana de São Paulo, "os moradores da cidade que tinham condições financeiras eram sepultados nas igrejas; dependendo do donativo, o local do sepulcro poderia ser no altar, nos corredores laterais e centrais ou até no pátio externo". (REZENDE, 2006, p. 23)

Essa proximidade do mundo dos mortos com o mundo dos vivos fazia parte de uma visão de mundo segundo a qual a morte era familiar e próxima – a morte era esperada no leito, constituindose em uma cerimônia pública e os cemitérios eram espaços onde ocorriam festas populares, carnavais, encontros e jogos. (ARIÈS, 1977)

Com a modernização das cidades, houve uma extinção progressiva da tradição cristã de se enterrarem os mortos nas igrejas ou no entorno delas. Essa nova postura coincide com as mudanças nas relações entre o homem e a morte, verificada no fim do século XVIII. (ARIÈS, 1977, p. 91) A partir desse período, como observa Philippe Ariès (1977, p. 91), a morte passou a ser considerada uma ruptura "terrível da familiaridade cotidiana", e o medo da morte passou a ser um sentimento freqüente nas sociedades ocidentais.

Some-se a isso o fato de que circulou na Europa um ensaio de 1778, de autoria de Vicq d'Azur, no qual o médico, além de apresentar uma coletânea de fatos que demonstravam o poder de infecção contagiosa dos cadáveres, defendia a formação de gases tóxicos nos túmulos. (ARIÈS, 1977, p. 101). Essa preocupação com a saúde pública, associada a um processo contínuo de higienização fundamentado no saber médico vigente em meados do século XVIII, acaba por justificar o afastamento dos cemitérios dos centros urbanos.

Exemplo dessa preocupação com a saúde pública pode ser encontrado na história da cidade mineira de Juiz de Fora. Até a metade do século XIX, era comum o sepultamento em terrenos no entorno das igrejas. Entretanto, como a cidade enfrentava uma epidemia de cólera, foi postulada a necessidade da construção de um cemitério que se localizasse bem longe dos limites da cidade. (COUTO; ROCHA, s/d). Nesse sentido, percebe-se explicitamente a adoção, pela Câmara

Municipal de Juiz de Fora à época, da concepção higienista miasmática<sup>2</sup>, segundo a qual matérias orgânicas em decomposição, sob a influência de elementos atmosféricos, eram responsáveis pela formação de vapores (miasmas) que infectavam o ar que se respirava (COSTA, 2007, p. 68). É possível questionar, no entanto, se esse distanciamento proposto também não decorreria do esforço de modernização da cidade, o qual levaria à exclusão, do centro urbano, de lembranças indesejáveis, tais como a da morte.

Sim, pois as áreas cemiteriais estão tão claramente identificadas como áreas "malditas" dentro do tecido urbano, que se torna "necessário" que essas áreas fiquem, na maior parte das vezes, no esquecimento, para que haja o mínimo contato entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. De fato, o esquecimento da morte é extremamente desejável numa sociedade

em que em geral a medicalização da morte e os eficientes serviços funerários afastam-nos da agonia dos moribundos e do contato direto com os mortos, na qual para evitarem-se os cemitérios enviam-lhes flores e condolências, e na qual nos consolamos com o puído jargão "a vida continua" (EIGENHEER, 2003, p. 172).

As áreas cemiteriais representam uma complicação para muitos os que têm de visitá-las. Muitas pessoas, por exemplo, trocam de roupa ao voltarem do cemitério e o ritual de se velarem os mortos em casa, que foi uma prática comum em gerações passadas, tornou-se, nos dias de hoje, algo praticamente extinto. Morar perto do cemitério, para a maioria das pessoas, é algo igualmente indesejável, uma vez que a presença da morte aciona, no imaginário desses indivíduos, "o medo de assombração, alma penada, energia negativa concentrada e outros de ordem física e metafísica". (REZENDE, 2006, p. 147)

Também locais e trabalhadores associados aos cemitérios recebem algum tipo de rejeição. Em pesquisa publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* em 18 de agosto de 1996, constatou-se que as profissões ligadas à morte se destacaram como as mais rejeitadas socialmente: os indivíduos que trabalham nas empresas funerárias, os auxiliares de necropsia, os médicos-legistas e os agentes funerários são estigmatizados e vistos com um certo ar de desconfiança e de intolerância pela sociedade moderna, como revela o quadro a seguir:

Note-se que, no quadro 1, é possível encontrar referência às prostitutas, o que nos remete a uma outra área que também é marcada no imaginário dos habitantes da cidade como área maldita: as zonas de prostituição. Trata-se de um espaço, aliás, que pode ser associado aos espaços cemiteriais, uma vez que a questão da morte também o tangencia muito além da aproximação sexo/morte que pode ser vislumbrada a partir da associação da prostituição com a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> A teoria miasmática foi desenvolvida pela ciência do século XVIII na Europa.

Quadro 1 – Profissões rejeitadas

Pesquisa espontânea		Pesquisa estimulada	
Profissões	Percentual	Profissões	Percentual
Lixeiro	21	Stripteaser*	84
Policial	13	Maquiador de cadáver	80
Gari	11	Coveiro	76
Médico	11	Carcereiro	67
Doméstica	11	Médico legista	64
Faxineiro	09	Agente funerário	63
Político	09	Carvoeiro	61
Coveiro	06	Pintor de fachadas de edifícios	57
Enfermeiro	06	Balconista de sex-shop	51
Motorista de ônibus	06	Lixeiro	50
Professor	06	Operador de britadeira	47
Balconista	05	Boia-fria	42
Cobrador de ônibus	05	Policial	42
Pedreiro	05	Coletor exames laboratório	33
Advogado	04	Bombeiro	30
Guarda	04	Médico pronto-socorro	30
noturno/segurança/vigia			
Motorista de táxi	04	*Profissão associada à prostituição	
Prostituta	04		
Vendedor	04		

Fonte: EIGENHEER, 2003, p. 21.

Georges Bataille, na obra *O erotismo* (1987), já afirmara existir uma relação entre morte e erotismo. Segundo o estudioso, a experiência erótica baseia-se em uma tendência em substituir a descontinuidade dos seres humanos (ou seja, o isolamento que os caracteriza, por serem individuais, diferentes e sós) por um sentimento de continuidade. Assim sendo, a realização erótica remeteria ao universo da violência, uma vez que arrancaria o ser da sua descontinuidade individual, aproximando-se da morte que, violentamente, tira a possibilidade de permanência do ser.

Philippe Áries, por sua vez, lembra que, do século XVI ao século XVIII, ocorreu uma aproximação, na cultura ocidental, entre morte e erotismo. Os temas macabros, no período, passaram a apresentar traços de erotismo, como revela o exemplo, destacado por Ariès, do cavaleiro do Apocalipse de Durer (a Morte), cuja figura "deixou intacta sua capacidade genital, de tal modo que não nos é permitido ignorá-la". (ARIÈS, 1977, p. 86)

No entanto, é preciso também considerar que o estigma que as áreas de prostituição carregam aumentou na era moderna. Na verdade, a estigmatização das prostitutas se deu com o surgimento da sociedade patriarcal e a partir da independência sexual e econômica das mulheres, o que fez com que a atividade das meretrizes passasse a ser mal interpretada pela sociedade. Como destaca a professora e coordenadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Maria Regina Cândido, a condenação à prostituição é um olhar da modernidade, pois "na antiguidade, elas tinham seu lugar social bem definido. Era uma sociedade que determinava a posição de cada um, que precisava cumprir bem o papel em seu espaço e não migrar de função". (PEREIRA, 2009). É interessante perceber ainda que, mesmo na Idade Média,

apesar de condenada pela Igreja, esta atividade foi tolerada e considerada um mal necessário. Como declara Rossiaud (1991, p.93), "pode-se afirmar, sem receio de erro, que não existia cidade de certa importância sem bordel".

Personagens principais das áreas de meretrício, as prostitutas, na época moderna, entretanto, sofreram por todo tipo de estigmatização, uma vez que passaram a ser consideradas como "anormais, patológicas, sem-vergonhas, uma sub-raça incapaz de cidadania". (RAGO, 2008, p.27)

Como também lembrado por Eigenheer, na obra *Lixo, vanitas e morte*, as prostitutas, no século XVIII, também eram usadas na limpeza das ruas. Como o ato de se trabalhar com o lixo é para a sociedade um ato degradante, nada mais significativo do que designar uma prostituta para uma tarefa tão "impura" quanto a da varrição da sujeira. Também como castigo pelos atos "imorais" praticados, as prostitutas costumavam ter seus cabelos cortados, como uma punição por sua ostentação de beleza e vaidade. (EIGENHEER, 2003)

As áreas malditas ocupadas pelas prostitutas podem ser entendidas como uma totalidade espacial dividida em vários territórios, no sentido de espaços demarcados por "limites de uma territorialidade, onde um indivíduo ou grupo estabelece relações de domínio ou controle sobre uma área geográfica". (RIBEIRO, 2002, p.103) Os territórios que constituem as áreas malditas da prostituição são ocupados por grupos distintos, com códigos específicos, em horários determinados. O uso de tal espaço se dá

a partir da apropriação, durante um certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, "michês" (rapazes de programa) e travestis, que, através de uma rede de relações, de colocação de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade. (RIBEIRO E MATTOS apud RIBEIRO, 2002, p.103)

Importante perceber que as áreas de prostituição, aqui referidas como áreas "malditas", configuram durante o dia um outro tipo de paisagem, de deterioração, é certo, mas com categorias de frequentadores menos estigmatizados:

Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno das áreas de obsolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios de baixo status e pequenas oficinas, além de moradores das imediações. Quando a noite chega, porém, as lojas com exceção de bares e night clubs, estão fechadas, e os transeuntes diurnos como trabalhadores "normais", pessoas fazendo compras e os residentes do tipo que a moral dominante costuma identificar como "decentes" cedem lugar a outra categoria de frequentadores, como prostitutas (ou travestis, ou ainda rapazes de programa). (SOUZA, 1995:88)

Paralelamente aos territórios da prostituição, surgem também nessas áreas "malditas" novas territorialidades, compostas por outros grupos estigmatizados pela sociedade, como destaca Ribeiro (2002, p.106):

Assim, diferentes territórios, tais como dos catadores de papel, dos sem-teto, dos menores de rua, dos guardadores de carro (os flanelinhas), dentre outros, superpostos muitas vezes com o da prostituição, constituem verdadeiros "territórios do medo", em decorrência da violência praticada pelos diferentes grupos atuantes nesses territórios, bem como de atuação da polícia, que exerce ora papel repressor, ora de extorsão, no caso das prostitutas.

Um exemplo bastante conhecido de associação de "territorialidades" na área "maldita" da prostituição está localizado no centro da cidade de São Paulo: o local conhecido como "Boca do Lixo". O termo utilizado para a designação do local já é bastante sugestivo - a expressão "boca do lixo" remete a um lugar sujo, obscuro, repleto de aspectos ilícitos e tortuosos<sup>3</sup>. Nessa área, que se tornou o maior reduto da prostituição paulistana a partir de 1954, circulava, além das prostitutas, um número expressivo de bandidos. A partir dos anos 90 do século passado, a área se transformou no que se convencionou chamar de "Cracolândia", devido à grande presença de usuários de drogas.

O incômodo com a associação de territorialidades na área chegou a ponto de, a partir de 2005, a prefeitura ter fechado bares e hotéis ligados ao tráfico de drogas e à prostituição, além de ter retirado moradores de rua e aumentado o policiamento para inibir o consumo de drogas no local. Centenas de imóveis estão sendo desapropriados. O objetivo do programa é tornar a área atrativa a investimentos privados.

Críticos do programa, todavia, declaram que a recuperação das praças, parques e edifícios do local tem um caráter higienista e que o programa deixa ainda mais vulneráveis alguns grupos que vivem na área, como por exmplo os catadores de materiais recicláveis. (SUCUPIRA, 2006) As ações do poder público, nesse sentido, se voltariam exclusivamente para a expulsão dos grupos rejeitados socialmente, retirando a "maldição" desse espaço a partir da anulação total do seu significado anterior.

# 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os "espaços malditos" são espaços rejeitados pelos moradores das cidades. No entanto, mesmo havendo repulsa por esses espaços ligados à morte física ou social e mesmo que a modernidade tente escamoteá-los, não há como desvinculá-los de nossas vidas. Eles estão em toda parte, assim como os agentes ligados a estes locais.

Ignoramos muitas vezes a presença dos cemitérios quando por eles passamos, fingindo ser uma antepaisagem ou então, curiosamente, adotamos outro procedimento. Muitos, em movimentos dogmáticos e ritualísticos, fazem o sinal da cruz, seja em respeito aos mortos ou em lembrança da

-

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Interessante, nesse sentido, é notar, como observa Eigenheer, a relação estabelecida no imaginário social entre lugares malditos de naturezas distintas, tal como nos revela a existência das expressões "apodrecer na prisão", "mulher que não presta", "velho que não presta para nada", "boca do lixo", "escória social", "trapo humano", "morto-vivo", "jogado na prisão (ou manicômio)", as quais associam resíduos e prostituição ou resíduos e velhice ou ainda resíduos e mendicância ou contravenções ou mesmo insanidade mental. (Cf: EIGENHEER, 1992, p. 38)

perda de um ente querido. Principalmente para os que estão em plenitude física, a morte é vista como algo distante e/ou nem mesmo vislumbrada, esquecendo-se, porém, que esse, é um processo inalienável ao ser humano. Como bem retratado nos versos dos compositores Raul Seixas e Paulo Coelho: "Eu sei que em determinada rua que eu já passei não tornará a ouvir o som dos meus passos (...) A morte, surda, caminha a meu lado e eu não sei em que esquina ela vai me beijar". (SEIXAS, 1976). Nesse mesmo viés, as conhecidas casas de espetáculos ou boates e determinadas ruas de prostituição localizadas nos centros urbanos se tornam invisíveis aos olhos dos transeuntes ainda que saibam que ali exista toda uma dinâmica própria, com regras de convivência muito bem definidas entre seus membros.

Lembremos, todavia, que o espaço urbano é um espaço marcado pela dinamicidade. Tal fato, se por um lado, nos faz refletir sobre a interferência dos processos históricos na organização espacial das cidades, por outro, nos faz pensar sobre a possibilidade de ações planejadas atuarem na concepção espacial dos habitantes das cidades. Provavelmente, os guetos, os "pés sujos", os cemitérios e as zonas de baixo meretrício, dentre tantos outros espaços malditos, estarão por muito tempo convivendo em uma (des)ordem com tudo que os cerca. Estão lá porque suas presenças são imprescindíveis para dar vida às cidades, dada a multiplicidade de agentes que as constitui. A cidade, assim como um quebra-cabeça, envolve todas essas peças que estão bem interligadas: moradores em situação de rua – hospitais – cemitérios – uma tríade carregada de estigmas que em algum momento irão se encontrar.

O que se pretende com esta reflexão é discutir se é possível uma percepção menos repulsiva sobre os locais e os agentes que compõem tais áreas. Para que isso ocorra, torna-se necessário que os indivíduos que estão a elas ligados (os coveiros, os agentes funerários, os mendigos, as pessoas ligadas à prostituição, por exemplo) saiam da invisibilidade que estão e passem a ser enxergadas em sua essência.

Logicamente, isso não ocorrerá pacificamente, mas dar vez e voz a esses cidadãos já é uma forma de mantê-los visíveis aos nossos olhos.

### REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Trad. Priscila Vianna da Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Trad. Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1987. BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

-

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Dentre alguns significados que consagraram a expressão "pé sujo", está a que a define como um botequim de baixa categoria onde se vendem bebidas alcoólicas de baixa qualidade, e também a que a associa a indivíduos miseráveis.

CARLOS, A. F. A. C. Espaço e indústria. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

CLAVAL, P. A geografia cultural. 2ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2001.

CORRÊA, R. L. Região e organização espacial. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

CORRÊA, R. L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, F. M. M. A morte e o morrer em Juiz de Fora: transformações nos costumes fúnebres, 1850-1890. 2007. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

COUTO, A. O.; ROCHA, I. R. A. (Orgs.). Juiz de Fora em dois tempos. Tribuna de Minas. Juiz de Fora: Esdeva, s/d.

EIGENHEER, E. M. Lixo: morte e ressurreição. In: **Falas em torno do lixo**. Rio de Janeiro: Nova Iser Pólis, 1992.

EIGENHEER, E. M. **Lixo, vanitas e morte**: considerações de um observador de resíduos. Niterói: EdUFF, 2003.

HAESBAERT, R. Territórios alternativos. São Paulo: EdUFF, 2002.

MARICATO, E. Habitação e cidade. São Paulo: Atual, 1997.

PEREIRA, P. **De deusas à escória da humanidade**. Disponível em: <<u>http://www.leiturasdahistoria.uol.com.br</u>> Acesso em: 01 out. 2009.

RAGO, M. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REZENDE, E. C. M. Cemitérios. São Paulo: Necrópolis, 2007.

REZENDE, E. C. M. **O céu aberto na terra**: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana. São Paulo: Necrópolis, 2006.

RIBEIRO, M. A. Prostituição de rua e turismo: a procura do prazer na cidade do Rio de Janeiro. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo, modernidade e globalização.** São Paulo: Hucitec, 1997.

ROSSIAUD, J. A prostituição na Idade Média. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANTOS, M. Espaço e método. Editora AMPUB Comercial, 1985.

SEIXAS, R.; COELHO, P. Canto para minha morte: Universal, Brasil, 1976.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. et al. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SUCUPIRA, F. (24 de janeiro de 2006). **Direito à cidade:** Movimentos reagem à política de limpeza social no centro de SP. Disponível em: <a href="http://www.cartamaior.com.br">http://www.cartamaior.com.br</a>>Acesso em: 10 mar 2007.